



Instituição Costura: impactos na família e na constituição psíquica de filhos de migrantes bolivianos para a costura em São Paulo

Pedro Magalhães Seincman* e Miriam Debieux Rosa

Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, Av. Professor Mello Moraes, 1721, 05508-030, São Paulo, São Paulo, Brasil. *Autor para correspondência. E-mail: seincman@gmail.com

RESUMO. O artigo apresenta os principais resultados de uma pesquisa teórico-clínica de doutorado, com viés psicanalítico, sobre os impactos de um conjunto de práticas e discursos nos impasses para a constituição psíquica de crianças filhas de migrantes bolivianos que trabalham na costura em São Paulo. Inicialmente, contextualiza a história dessa migração e define a ‘Instituição Costura’ como o conjunto de dispositivos que estruturam a cultura laboral-afetiva desses migrantes. Destacam-se duas características fundamentais: as novas concepções de família nas oficinas de costura e o valor atribuído ao trabalho como meio de ascensão social que rivaliza com o cuidado infantil. Desenvolvemos, também, os componentes de funcionamento dessa instituição, considerando suas potencialidades estruturantes e seus elementos de exploração, especialmente no que tange à formação de casais, à natalidade e à divisão de gênero. Por fim, são identificados determinantes institucionais que impactam o cuidado infantil nas oficinas de costura, como a tensão entre trabalho e cuidado dos filhos, o uso de telas, a condição socioeconômica, o papel de gênero, a moral do trabalho e a pouca integração entre instituições brasileiras e a comunidade boliviana. Concluímos com diretrizes para possíveis intervenções, destacando a importância de ações articuladas com organizações da comunidade boliviana, as estratégias para reduzir a sobrecarga dos cuidadores (especialmente mulheres), o fortalecimento da rede de saúde e educação, e a busca ativa para acompanhamento do cuidado infantil. Essas medidas visam prevenir e mitigar os impactos na constituição psíquica das crianças criadas nas oficinas de costura.

Palavras-chave: psicanálise; migração; constituição psíquica; infantil; Bolívia.

The Garment Institution: impacts on the family and on the psychic constitution of children of Bolivian migrants in the sewing industry in São Paulo

ABSTRACT. The article presents the main findings of a doctoral research project with a theoretical-clinical approach, grounded in psychoanalytic theory, which investigates the impacts of a set of practices and discourses on the psychic development of children of Bolivian migrants working in garment workshops in São Paulo. It begins by contextualizing the history of this migration and conceptualizes the ‘Garment Institution’ as a network of devices that structure the labor-affective culture of these migrants. Two fundamental characteristics are highlighted: the emergence of new family configurations within the workshops and the high symbolic value attributed to work as a vehicle for social mobility—often in tension with the demands of childcare. The article also explores the operational components of this institution, analyzing both its structuring potential and its exploitative dimensions, particularly in relation to couple formation, fertility, and gendered divisions of labor. Finally, it identifies institutional determinants that shape childcare practices within the garment sector, such as the conflict between labor demands and parenting, the pervasive use of screens, socioeconomic precarity, gender roles, the moralization of work, and the limited integration between Brazilian public institutions and the Bolivian community. The article concludes by outlining possible pathways for intervention, emphasizing the importance of coordinated actions with Bolivian community organizations, strategies to reduce caregiver overload (especially among women), strengthening of health and education networks, and proactive outreach to support early childhood care. These measures aim to prevent and mitigate the psychic vulnerabilities affecting children growing up within the socio-institutional context of the sewing workshops.

Keywords: psychoanalysis; migration; development; childhood; Bolivia.

Introdução¹

Este artigo baseia-se em nossa pesquisa teórico-clínica de doutorado no Instituto de Psicologia da USP (2021-2025). Nele, buscamos ampliar a compreensão clínico-política dos impasses para a constituição psíquica de filhos de bolivianos migrantes criados em oficinas de costura.

A pesquisa articula o trabalho de campo realizado em grupos terapêuticos com famílias bolivianas no CAPSij da Moóca (2022) e o estudo bibliográfico sobre o tema da migração boliviana para a costura.

Nesse CAPSij, de abril a dezembro de 2022, acompanhamos semanalmente o trabalho de quatro grupos terapêuticos. Dois desses grupos contaram com a participação de 16 crianças (8 em cada) filhas de bolivianos que passaram pelas oficinas de costura e que apresentavam dificuldades graves com a fala. São encontros mediados por brinquedos e materiais artísticos cuja proposta é o livre brincar como maneira de propiciar o laço entre os participantes. Os outros dois grupos tiveram a participação dos pais, mães e outros parentes responsáveis pelas crianças dos grupos antes referidos. Foram realizadas rodas de conversa em que se dispara uma temática inicial para que se instaure um clima de troca de experiências e de sentimentos. No total participamos de 38 grupos, sendo 16 de familiares e 22 de crianças.

Para a realização dos grupos apresentamo-nos como pesquisadores, expusemos os objetivos da pesquisa e todos concordaram em participar, assinando o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, conforme exigência do Conselho de Ética em pesquisas com seres humanos. Em todos os grupos participamos como coterapeutas junto aos profissionais dos serviços, nos moldes de uma pesquisa-intervenção. O material coletado através da escuta dos grupos foi registrado em formato de diário de campo e discutido junto às equipes técnicas dos serviços.

Nossas conclusões vêm cotejadas pela revisão bibliográfica abrangendo dissertações, teses e artigos sobre a migração boliviana para o Brasil, com foco na migração para a costura. Ademais, nossa inserção prática no campo da migração se dá desde 2011, por meio do Grupo Veredas: Imigração e Psicanálise (PSOPOL-IPUSP) e, mais especificamente no campo da migração boliviana desde 2013, conforme publicado em outras pesquisas e artigos.

Tanto a pesquisa bibliográfica quanto o trabalho realizado em campo apontaram para a elevada incidência de impasses na aquisição da fala e nos processos de constituição psíquica na população dos filhos de bolivianos que migraram para o trabalho na costura em São Paulo (Carneiro Jr. & Silveira, 2003; Calixto et al., 2012; Joia et al., 2022).

Defenderemos a urgência de novas estratégias de intervenção e prevenção em saúde mental para as famílias cujas crianças sofrem com tais impasses, muitas vezes cronificados, e de forma mais, para os casais que virão a ter filhos no contexto do trabalho em oficinas de costura.

Partimos de um fato clínico que se repete em muitas famílias de migrantes bolivianos que criaram seus filhos nas oficinas de costura em São Paulo. Isto é, muitas dessas crianças sofrem com entraves graves na linguagem e na relação com o outro, expressos, por exemplo, na dificuldade ou incapacidade do brincar compartilhado ou na ausência ou dificuldade de expressividade na fala, independentemente do idioma. Tal fator sinaliza questões referidas a impasses nos processos de constituição psíquica, mais do que à questão idiomática também presente no campo da migração (Joia et al., 2022).

Nossa pesquisa aponta para as diversas linhas de determinação social por trás do fenômeno estudado: as características do trabalho terceirizado de confecção têxtil no mundo capitalista contemporâneo; o modo específico como a população boliviana migrante instituiu-se para projetos de ascensão social familiar e comunitária; os objetivos de circulação transnacional dos migrantes bolivianos para a costura, em contraposição às clássicas migrações que visam à integração na sociedade de destino; o modo de organização do trabalho, de vida e da família dentro do que chamaremos de 'Instituição Costura', envolvendo também questões de gênero na divisão produtiva e reprodutiva do trabalho (Ribeiro, 2018); e o escasso trabalho conjunto entre o poder público brasileiro e a comunidade boliviana em São Paulo.

O artigo analisa, portanto, as implicações clínico-políticas dessa realidade e propõe estratégias de acolhimento para essas crianças e suas famílias, além de ações integradas entre o poder público e a liderança

¹ O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

comunitária boliviana em São Paulo para prevenir parte desses impactos na constituição psíquica e melhor acolher as famílias afetadas.

A migração boliviana para São Paulo e a ‘Instituição Costura’

A migração boliviana para São Paulo ocorre em dois grandes períodos. O primeiro, iniciado na década de 1950, envolveu estudantes e profissionais qualificados em busca de ascensão social. Já o segundo, a partir dos anos 1980, caracterizou-se por um fluxo crescente de trabalhadores de baixa escolaridade, impulsionado pela recessão econômica e medidas neoliberais adotadas na Bolívia. A maioria desses migrantes se inseriu em setores informais, destacando-se a costura (Freitas, 2014).

Os bolivianos não foram pioneiros nesse modelo produtivo, sendo precedidos por migrantes coreanos, que operavam em um sistema baseado em pequenas oficinas familiares. Antes deles, judeus e italianos também haviam ocupado os bairros paulistanos ligados à costura. Entretanto, a entrada dos bolivianos trouxe novas dinâmicas ao setor, marcadas por redes de contratação baseadas em laços familiares e apadrinhamento entre pessoas de mesma nacionalidade, o que consolidou todo um campo de práticas migratórias ligadas à costura em São Paulo (Freitas, 2014).

A estrutura produtiva das pequenas oficinas terceirizadas insere-se em um movimento global do setor têxtil, que, desde os anos 1970 e 1980, passou por uma reestruturação. Esse processo incluiu o fechamento das grandes fábricas, a valorização do design e a expansão das redes de subcontratação informal, levando à precarização das condições de trabalho e à formação de cadeias produtivas globais, em grande medida pautadas por linhas de determinação do mundo neoliberal (Ribeiro, 2018). Em São Paulo, esse modelo foi impulsionado por empresários coreanos, que, na segunda metade dos anos 1980, investiram na compra de máquinas e na abertura de pequenas oficinas familiares (Choi, 1991). Posteriormente, os bolivianos passaram a adquirir essas oficinas, tornando-se empregadores de seus compatriotas e consolidando um sistema produtivo com características transnacionais específicas.

A seguir veremos como esse novo arranjo, que une relações familiares e de trabalho, consolida um conjunto de práticas e discursos particulares, que passam a determinar uma cultura específica de família e de trabalho. Trata-se do que passaremos a chamar de ‘Instituição Costura’, conjunto de práticas e discursos relativamente estáveis que determina valores comuns àqueles que se inserem no mundo da migração para a costura.

A ‘Instituição Costura’ e suas características

As oficinas de costura funcionam com base em certos arranjos instituídos que ordenam a migração e estruturam as relações sociais dos migrantes (Souchaud, 2012; Côrtes, 2013). Essas organizações não se limitam ao campo do trabalho, também influenciando aspectos da vida familiar e comunitária dos bolivianos em São Paulo. A ‘Instituição Costura’, portanto, não é apenas um espaço econômico, mas também um sistema estruturado por valores e práticas comuns a essa população migrante, consolidando um mundo social específico (Freitas, 2014).

Na concepção de instituição para Castoriadis (1982), esta inclui não só leis e regras formais, mas também mitos, valores, linguagem, tempo, sexualidade, educação, etc. Sendo assim, a análise das formas instituídas na Instituição Costura pode nos levar à raiz da compreensão de valores, da concepção de tempo, trabalho, família e de como tudo isso pode incidir no lugar reservado aos bebês e seu cuidado nas oficinas de costura.

A Instituição Costura não se confunde com as oficinas de costura. Estas oferecem as condições para a realização do projeto migratório: deslocamento, qualificação, trabalho, moradia e alimentação (Côrtes, 2013). Apesar disso, a Instituição Costura é mais abrangente do que as oficinas, abarcando valores, discursos, práticas, enfim, toda uma realidade possível no mundo social dos migrantes bolivianos que dela participam.

Ela se sustenta, além disso, pelas demandas do topo da pirâmide do setor têxtil e suas características. Ademais, também contém em si as ações das Instituições Públicas de Saúde, Educação, Direitos Humanos, entre outros. Não se trata, portanto, de um mundo agenciado apenas por migrantes bolivianos, ainda que estes estejam no foco de nosso interesse.

A ‘Instituição Costura’ evidencia a interseção entre laços de parentesco, relações de trabalho e dinâmicas transnacionais, gerando tanto desafios quanto possibilidades para os migrantes. Adiante exploraremos a dualidade entre os impactos de positividade e negatividade dessa configuração. Nessa medida, proporemos que a análise dessas forças é um trabalho complexo, porém, como veremos, que nos auxilia a considerar a ambivalência do arranjo estabelecido pela ‘Instituição Costura’.

Redes de contratação e mobilidade

Com a consolidação da presença boliviana na gestão das oficinas de costura, o recrutamento de mão-de-obra passou a ocorrer tanto no Brasil quanto na Bolívia, especialmente em La Paz. Esse processo estruturou redes transnacionais de contratação, tornando a migração parte integrante do setor de confecção. Essas redes combinam vínculos fortes (parentesco e relações estáveis) e vínculos fracos (laços estabelecidos no local de destino), permitindo tanto a inserção inicial no mercado, quanto a mobilidade entre oficinas e países (Freitas, 2014).

Essas redes contam com estruturas intermediárias institucionalizadas, incluindo o retorno de migrantes para recrutar parentes e conhecidos, anúncios de emprego em rádios bolivianas e feiras como espaços de encontro entre trabalhadores e empregadores. Tais elementos estruturam os modos de contratação e circulação dentro da 'Instituição Costura', transformando as concepções tradicionais de laços familiares e laborais dentro dessa comunidade migrante.

Transnacionalismo, trabalho e família

A articulação entre a migração boliviana para a costura, as tendências do trabalho na globalização e o setor têxtil permite compreender algumas bases macropolíticas do fenômeno analisado. Entretanto, é necessário considerar os arranjos transnacionais que organizam especificidades para essa prática migratória (Freitas, 2014). Os bolivianos já chegam ao Brasil inseridos em redes laborais estruturadas, caracterizando o que aqui chamamos de Instituição Costura como um fenômeno transnacional (Levitt & Glick-Schiller, 2007).

A experiência transnacional dos migrantes cria conexões familiares, sociais e econômicas entre a Bolívia e o Brasil, permitindo um pertencimento circular: "[...] ser daqui e de lá ao mesmo tempo" (Côrtes, 2013, pp.12-13). Famílias se desmembram entre São Paulo e La Paz, reforçando a ideia de que a migração não representa uma ruptura completa, mas sim a reconfiguração de redes e espaços sociais.

A partir desse contexto, é possível observar como os migrantes bolivianos inseridos na 'Instituição Costura' constroem uma definição própria e específica de família, distinta tanto da boliviana, quanto da brasileira. O trabalho e a ascensão social tornam-se valores centrais, estruturando novas formas de relação familiar e comunitária. Dessa forma, a 'Instituição Costura' emerge como um elemento fundamental na compreensão das dinâmicas sociais e econômicas da migração boliviana para São Paulo.

'Instituição Costura' - objeto de pesquisa

Nossa pesquisa investiga a 'Instituição Costura', um conjunto de dispositivos que organiza a migração boliviana para a costura, incorporando migrantes, majoritariamente bolivianos, à indústria têxtil em São Paulo. Esses trabalhadores chegam ao Brasil já vinculados a empregadores, geralmente conterrâneos que migraram anteriormente e tornaram-se donos de uma oficina de costura. Esses espaços são simultaneamente locais de trabalho e moradia (tanto para trabalhadores, quanto para os donos, que vivem juntos no ambiente-casa da oficina de costura), configurando-se muitas vezes como o principal ambiente de sociabilidade e vinculação comunitária daqueles que chegam.

Sendo assim, o contexto das oficinas não deve ser compreendido apenas como um ambiente laboral, mas também como um espaço familiar-afetivo que centraliza os laços dos migrantes desde a sua chegada. A relação entre empregados e empregadores assume uma dinâmica ambígua, uma vez que os patrões podem ser tanto os viabilizadores da mobilidade geográfica e social, quanto os agentes da exploração laboral, revelando a complexidade dos vínculos dentro das oficinas.

Metodologicamente, nossa pesquisa reformula a ênfase das hipóteses psicanalíticas tradicionais que, ao investigar crianças com impasses nos processos de constituição psíquica, focam exclusivamente no vínculo entre mãe, pai (ou cuidadores) e bebê, baseando-se por vezes em concepções restritas de família.

Buscamos, também, ampliar a análise sobre processos institucionais que envolvem aqueles que cuidam dos bebês, considerando que a identidade cultural do migrante muitas vezes é moldada pelo arranjo institucional específico que estrutura uma determinada migração (Côrtes, 2013).

Inspirados em estudos sobre parentalidade e migração (Bydlowski, 1997; Baubet & Moro, 2013), resgatamos a noção de cultura institucional presente em pesquisas sobre hospitalismo (Spitz, 1965), em que se considerava a cultura institucional em suas incidências sobre os cuidados de recém-nascidos, mas que foi pouco explorada nos estudos migratórios. Propomos investigar a 'Instituição Costura' como espaço de

produção de práticas familiares e de uma concepção de família intrinsecamente ligada a esse arranjo institucional, e não necessariamente à cultura boliviana *stricto sensu*.

Nossa análise articula clínica e cultura, entendendo esta última como atravessada por práticas e valores derivados dos arranjos sociopolíticos que estruturam a migração. Assim, qualquer investigação sobre a relação entre mães, pais, cuidadores e filhos nesse contexto deve incluir as oficinas como espaços de circulação privilegiada de afetos. Para embasar nosso posicionamento metodológico, pautamo-nos na teoria das alianças inconscientes (Kaës, 2009), na teorização sobre o contrato narcisista (Aulagnier, 1975) e na noção de caso clínico-político (Rosa, 2016), que nos permitem ampliar a interseção entre clínica, cultura e política.

Portanto, a 'Instituição Costura' se constitui como um objeto de estudo fundamental para compreendermos a relação dialética entre os dispositivos institucionais e os suportes subjetivos situacionalmente instituídos (Lewkowicz, 1998) disponíveis para os migrantes bolivianos em São Paulo.

Aspectos de positividade e de negatividade da 'Instituição Costura' em São Paulo

Agora abordaremos as características sociais e identitárias da 'Instituição Costura' para a migração boliviana para a costura, organizando a análise em dois grandes eixos: características de negatividade e características de positividade da 'Instituição Costura'.

Os aspectos de positividade incluem a consideração do aspecto de agência desses migrantes para a construção de territórios transnacionais, permitindo mobilidade geográfica e social. Evidencia-se uma organização comunitária que pode permitir a ascensão de trabalhadores da costura a proprietários de oficinas, além de fomentar redes de apoio e cooperação entre os migrantes. Vista por essa perspectiva, a migração para a costura não se restringe à exploração, mas também gera oportunidades de inserção e crescimento.

Por outro lado, os aspectos de negatividade envolvem a precarização do trabalho, o que pode afetar a saúde dos trabalhadores, gerar dificuldades no cuidado infantil e limitar a sociabilidade. Goldberg e Silveira (2013) destacam os principais padecimentos daqueles que migram para trabalhar nas oficinas de costura de Buenos Aires e São Paulo:

Os principais padecimentos, doenças e mal-estares vinculados aos modos de vida e de trabalho de imigrantes bolivianos nas oficinas de costura em São Paulo são semelhantes aos descritos nas oficinas têxteis clandestinas da região metropolitana de Buenos Aires: tuberculose (TBC), alergias, problemas posturais e articulares, alcoolismo em homens, violência doméstica, atraso no desenvolvimento psicofísico dos filhos pequenos, problemas de sociabilidade, emocionais e psicológicos nos trabalhadores, e alimentação escassa e inadequada (Goldberg & Silveira, 2013, p. 295, tradução nossa)².

Os aspectos de negatividade são, pois, aqueles que enfatizam a exploração e a subalternização dos migrantes, evidenciando marginalização e falta de reconhecimento social.

Propomos que os impasses na constituição psíquica dessas crianças não devem ser analisadas apenas sob a ótica da parentalidade ou da cultura (como trabalhado, por exemplo, por Geraldini, 2020; Giammatteo, 2021; Otero et al., 2024), mas como parte de um contexto maior que envolve condições laborais transnacionais, migração e busca por ascensão social (como propõem Côrtes, 2013; Freitas, 2014; entre outros). Assim, compreender tanto os aspectos positivos, quanto os negativos dessa realidade, é essencial para construir políticas e ações mais eficazes para essa comunidade.

Aspectos de negatividade

Indissociabilidade entre oferta de trabalho e migração

A migração boliviana para a costura se vincula inextricavelmente à oferta de trabalho nas oficinas do local de destino. Essa é, ao nosso ver, uma característica fundadora desse movimento migratório, uma vez que a regra geral é que o migrante saia do local de origem já empregado no local de destino e que tal empregabilidade carrega uma gama de especificidades, que veremos nos próximos pontos.

² No original: *Los principales padecimientos, dolencias y malestares vinculados con los modos de vida y de trabajo de inmigrantes bolivianos en los talleres de costura de São Paulo se equiparan a los descritos en los TTC de la CABA: TBC, alergias, problemas posturales y de articulación, alcoholismo en hombres, violencia doméstica, retraso en el desarrollo psicofísico de los hijos pequeños, problemas de sociabilidad, anímicos y psicológicos en los trabajadores y alimentación escasa e inadecuada.*

Remuneração por peça e endividamento do migrante

O trabalho exaustivo e as condições econômicas moldam, na abrangência da 'Instituição Costura', um ideal de ascensão social, baseado no acúmulo de recursos para compra de imóveis, abertura de oficinas e/ou financiamento de estudos. A remuneração por peça incentiva dedicação total ao trabalho, tornando-o o principal fator de sucesso ou fracasso no projeto migratório.

É preciso destacar a dívida que o trabalhador assume ao migrar. Geralmente, as despesas da viagem são custeadas pelo empregador e se transformam automaticamente em uma dívida do trabalhador. Esta vai sendo quitada com o próprio trabalho nas oficinas. Na maior parte dos casos, os trabalhadores não conseguem quitar as dívidas assumidas antes de pelo menos 1 ano, por vezes 2 anos, de trabalho árduo.

Cama adentro e derecho de piso

Outro aspecto é o sistema 'cama adentro', no qual os trabalhadores moram e trabalham no mesmo local, o que reduz custos para o empregador e possibilita jornadas excessivas. Essa realidade foi frequentemente denunciada no Brasil e na Argentina (Azevedo, 2005, Côrtes, 2013; Freitas, 2020) como trabalho análogo à escravidão devido à coincidência entre moradia e local de trabalho, às jornadas abusivas e à remuneração inferior ao mercado.

Além disso, a noção de '*derecho de piso*' (tal como analisada em Freitas, 2014) simboliza a obrigação moral do trabalhador de permanecer na oficina como forma de retribuir o apoio recebido para migrar, reforçando vínculos que podem perpetuar a exploração.

Informalidade e vulnerabilidade

A informalidade marca todo o processo migratório, com recrutamento baseado em laços pessoais e sem contratos formais. A falta de experiência é fator de vulnerabilidade, pois migrantes sem habilidades técnicas são mais suscetíveis à exploração. Além disso, a percepção de provisoriade leva os trabalhadores a aceitarem condições extremas em nome de um futuro melhor.

Apresentados os aspectos de negatividade relativos a essa corrente migratória, passemos agora para os aspectos de positividade. Veremos que muitos deles têm causas comuns com aqueles que foram apresentados no presente subcapítulo. Isso traz bastante complexidade para a análise da 'Instituição Costura', uma vez que dificilmente uma característica objetiva dos arranjos institucionais trará apenas aspectos de negatividade ou de positividade. Isso demarca o campo absolutamente ambivalente em que estamos embrenhados.

Aspectos de positividade

Aspectos de positividade na migração boliviana para a costura

O estudo da migração boliviana para a costura exige uma análise que considere tanto a exploração, quanto as oportunidades desse sistema migratório. Ao reconhecer tais ambivalências, proporemos, agora, uma abordagem centrada nos aspectos de positividade, buscando compreender a perenidade e relativa voluntariedade desses deslocamentos, apesar dos desafios envolvidos.

Solidariedade comunitária: vínculos fortes e fracos

Um dos principais fatores de positividade nesse contexto é a solidariedade comunitária, expressa por meio de vínculos fortes e fracos (Freitas, 2014). Os vínculos fortes, baseados em relações familiares ou de proximidade prévia, são fundamentais para a inserção inicial dos migrantes no mercado de trabalho da costura. Já os vínculos fracos, estabelecidos no local de destino, tornam-se essenciais para a continuidade da experiência migratória, oferecendo um nível mais ameno de comprometimento moral do que os vínculos fortes e ampliando a autonomia dos trabalhadores dentro das oficinas.

Esses laços também são cruciais para a formação de uma identidade coletiva. No âmbito das oficinas, essa identidade transcende a nacionalidade de origem, consolidando-se na experiência compartilhada de trabalho e circulação dentro da rede de produção. Assim, os migrantes passam a se reconhecer como 'bolivianos da costura', reforçando o senso de uma identidade formada após a migração.

Nova concepção de família

Outro aspecto relevante é a reconfiguração da noção de família (Côrtes, 2013). A migração para a costura estabelece uma dinâmica transnacional, com membros divididos entre o país de origem e o destino. Além

disso, novas relações familiares emergem dentro das oficinas, seja por laços de apadrinhamento ou por casais formados no ambiente de trabalho. Essas transformações impactam diretamente as condições de criação dos filhos e a estrutura familiar do migrante.

Espaços de bolivianidade

A presença de espaços de bolivianidade (Ribeiro & Baeninger, 2022) em São Paulo é outro elemento de positividade. Esses locais de encontro, comércio e cultura oferecem serviços, culinária e lazer aos migrantes, criando uma rede de apoio e pertencimento. Segundo Freitas (2014), tais espaços estão diretamente ligados à migração boliviana para a costura, conformando um território sociocultural específico para essa comunidade.

Destacamos, assim, cinco aspectos de positividade nos territórios da costura: (1) o apoio intra-comunitário na inserção e permanência no Projeto Costura; (2) a importância complementar dos vínculos fortes e fracos na integração e adaptação dos migrantes; (3) a conformação de uma identidade própria da costura, baseada na convivência e solidariedade; (4) a existência de espaços de bolivianidade, que fortalecem a comunidade; e (5) a ampliação da noção de família, abrangendo relações transnacionais e novos laços criados no contexto migratório. Esses fatores ajudam a compreender a dinâmica de permanência dos migrantes e a complexidade de sua experiência na costura.

Concepções de família na ‘Instituição Costura’

Não parece haver projetos de migração estritamente individuais, completamente independentes de qualquer tipo de estratégia familiar (Ribeiro, 2018, p. 188)

A migração boliviana para a costura configura uma dinâmica na qual as concepções de família e comunidade se expandem para atender às exigências produtivas e reprodutivas. As famílias bolivianas frequentemente se organizam de maneira transnacional, distribuindo membros entre países e garantindo a circulação de dinheiro entre esses polos. Esse modelo permite que crianças permaneçam na Bolívia sob os cuidados de parentes, enquanto pais compartilham o trabalho na costura e as tarefas domésticas. Em outros casos, o cuidado infantil concorre diretamente com o trabalho remunerado. Essa elasticidade familiar e os acordos comunitários são essenciais para a sustentação do sistema de produção nas oficinas de costura (Ribeiro, 2018).

Formação de casais na ‘Instituição Costura’

A migração boliviana para a costura é predominantemente jovem, e muitos migrantes solteiros acabam formando relações amorosas. A formação de casais dentro das oficinas é valorizada e condizente com o projeto migratório, pois aumenta a produtividade e reduz custos para os empregadores. Os donos das oficinas preferem receber casais, pois trabalham de forma cooperativa, dividem um quarto e são vistos como mais estáveis e menos propensos a conflitos. Para os costureiros é interessante que estejam em casal, pois aumentam sua produção e entradas, têm maiores chances de circular entre oficinas e também de, posteriormente, abrir uma oficina própria, juntando os seus investimentos (Ribeiro, 2018).

Natalidade na ‘Instituição Costura’

Há um efeito colateral na ‘Instituição Costura’ que nos interessa sublinhar, pois está diretamente ligado ao tema central de nossa pesquisa. A chegada de filhos representa um desafio significativo, pois a maternidade interrompe o ritmo de trabalho essencial para a ascensão econômica. Muitas mulheres retornam rapidamente ao trabalho após o parto, conciliando a produção com o cuidado dos filhos. Adiante esmiuçaremos os aspectos de gênero presentes na ‘Instituição Costura’. Em outros casos, a dificuldade de manter a produtividade leva ao abandono do projeto migratório e ao retorno à Bolívia sem conquistas materiais.

Dentro das condições estruturantes da ‘Instituição Costura’, ter um filho é contraditório com o modelo produtivo estabelecido. Esse modelo se baseia em quatro pilares principais: (1) um projeto familiar e comunitário de ascensão social que exige dedicação total ao trabalho; (2) a necessidade de arcar com custos produtivos e reprodutivos, podendo incluir o envio de dinheiro para familiares na Bolívia; (3) o sucesso ou o fracasso do projeto migratório individual, familiar e comunitário está pautado pela capacidade e rapidez de trabalho na costura, lembrando que o pagamento costuma ser realizado por peça. Ou seja, quanto mais se trabalha maior a chance de sucesso em menor tempo de adesão; e (4) a incompatibilidade entre o ritmo exaustivo da costura e as demandas dos cuidados infantis. Para passar a gestação, a migrante não poderá

deixar de trabalhar. Depois do parto, é desejável que volte o quanto antes. Para cuidar do bebê, alguém da oficina deverá diminuir sua produtividade.

Importa ressaltar que aqui não falamos sobre o possível desejo de um ou uma migrante de ter um filho. A questão central é que, independente das condições desejantes em que um filho nasça, esse nascimento colocará em xeque todo o movimento e esforço realizados desde o primeiro dia do movimento migratório para a costura.

Madi et al. (2009) apontam o sentimento ambivalente por parte daqueles que tiveram filhos nas oficinas, em pesquisa realizada com famílias de migrantes acompanhados pela atenção básica no centro de São Paulo.

A gravidez e o nascimento de um filho desafiam, portanto, as bases do projeto migratório, pois a gestante não pode interromper o trabalho e, após o parto, precisa retornar o quanto antes. Muitas vezes, alguns casais resolvem interromper o projeto migratório ao ter um filho. Alguns dizem explicitamente não querer que o filho cresça no ambiente das oficinas. Outros preferem ter por perto os parentes que ficaram para ajudar nos cuidados. É importante ressaltar que essa decisão de retornar, dependendo de quando é feita, pode implicar o fracasso total do projeto de ascensão social. Muitos trabalhadores passam anos sem receber diretamente, e o retorno precoce pode resultar em uma volta à Bolívia sem recursos acumulados.

Outras soluções emergem, como a designação de uma migrante (no geral, uma mulher) para cuidar das crianças e da limpeza da oficina, com ou sem remuneração. No entanto, essa opção é mais rara, pois todos na oficina, incluindo os donos, estão envolvidos na produção. Além disso, o trabalho reprodutivo não costuma ser remunerado, como veremos no tópico a seguir.

Gênero na ‘Instituição Costura’

A estrutura da ‘Instituição Costura’ incentiva a formação de casais como unidade produtiva, mas se opõe à natalidade. No trabalho na costura, os casais se dividem tanto na costura, quanto na comercialização das peças. Entretanto, existe uma clara divisão de gênero, quando se trata da esfera reprodutiva e do trabalho não remunerado.

Ribeiro (2018) analisa as oficinas de costura sob a perspectiva marxista, diferenciando a esfera produtiva (trabalho remunerado) da reprodutiva (atividades essenciais à produção, mas não reconhecidas como trabalho). Essa sobreposição de moradia e trabalho é fundamental para a manutenção da produção e reduz custos para os empregadores (cf. Silva, 1995; Almeida, 2013; Veiga & Galhera, 2016). Além disso, é essa junção entre moradia e trabalho que permite que os filhos passem o dia nas oficinas sem acarretar praticamente nenhum custo (Ribeiro, 2018).

Para as mulheres, essa estrutura resulta em sobrecarga: além da costura, elas podem ser responsabilizadas pela limpeza, pela cozinha e pelo cuidado com as crianças da oficina, diminuindo seu tempo disponível para o trabalho remunerado. Como consequência, as mulheres tendem a ganhar menos que os homens, ou para ganhar o equivalente, precisam trabalhar mais, mesmo que os valores pagos por peça costurada sejam similares.

A reprodução, segundo Ribeiro (2018), é uma dimensão essencial da migração, mas também seu ‘reverso dissociado’, relegado às mulheres. A estrutura familiar nas oficinas permite uma certa conciliação entre trabalho e vida pessoal, muitas vezes insuficiente, impondo uma sobrecarga desproporcional às mulheres. Essa dinâmica evidencia a complexidade das relações de gênero na ‘Instituição Costura’, impactando diretamente as condições de vida e trabalho dos migrantes.

Na próxima seção, discutiremos como essas dinâmicas influenciam o cuidado com bebês criados nas oficinas, bem como as possíveis estratégias para lidar com esses desafios.

Determinantes institucionais dos impasses na constituição psíquica na ‘Instituição Costura’

Em nossa pesquisa, aliamos os elementos colhidos nos grupos terapêuticos com famílias de migrantes bolivianos que trabalham na costura à bibliografia existente sobre o tema. O foco está na ‘Instituição Costura’, buscando compreender os elementos institucionais que moldam a concepção de família nas oficinas de costura em São Paulo e seu impacto no cuidado infantil.

Trabalho e cuidado infantil

Nossa pesquisa sugere que a primazia do trabalho nas oficinas pode desvalorizar a intimidade com bebês e crianças. A migração é motivada pela busca de ascensão socioeconômica, exigindo uma intensa dedicação ao trabalho, o que gera um conflito entre os papéis de cuidador e trabalhador.

Nos primeiros meses de vida dos filhos (especialmente do primogênito), os pais assumem os cuidados infantis, mas essa tarefa concorre quase que ininterruptamente com as obrigações laborais. Com maior estabilidade econômica, algumas famílias conseguem reduzir a jornada de trabalho para equilibrar responsabilidades. Pudemos notar uma gravidade maior nas consequências dos impactos na constituição psíquica nos primogênitos criados nas oficinas, em comparação com os filhos nascidos depois, conforme avaliação dos usuários frequentadores do CAPSij da Moóca à época. Tal percepção foi confirmada pela fala dos pais nos grupos terapêuticos. Com o passar do tempo, os pais passam a conseguir integrar outras atividades ao cotidiano dos filhos, como frequentar escolas ou serviços públicos de saúde.

Tanto o estudo bibliográfico, quanto nosso trabalho de campo corroboram para a conclusão de que, na 'Instituição Costura', o valor atribuído ao trabalho pode se tornar inconciliável com as exigências de cuidado de um filho.

Nos grupos de pais, ficou evidente a correlação entre 'triunfar' (no projeto migratório) e a jornada de trabalho. O sistema de pagamento por peça intensifica essa lógica, pois quanto mais horas trabalhadas, maior o rendimento e a chance de garantir mais pedidos. Os trabalhadores também precisam aproveitar os períodos de alta demanda para acumular reservas para os momentos de baixa produção. Somam-se a essa realidade, as exigências das empresas contratantes, que terceirizam o serviço para as pequenas oficinas e esperam que a maior quantidade de trabalho seja realizada no menor tempo possível.

Outro aspecto trazido nas falas dos migrantes é que o fato de trabalharem e morarem no mesmo espaço possibilita alguns arranjos espaciais para que os filhos pequenos fiquem juntos aos 'pais-trabalhadores'. Esses arranjos, em grande parte das vezes, não são minimamente satisfatórios no que tange à necessidade de cuidado e atenção demandadas por bebês e crianças pequenas.

A 'Instituição Costura' cria, assim, uma ambivalência: viabiliza a ascensão econômica por meio de um local onde o trabalho pode ser realizado e um bebê pode ficar, ao mesmo tempo em que pode comprometer os processos de constituição psíquica, pois a atenção primordial é sugada pelas demandas de trabalho.

Uso de telas

Devido à sobrecarga de trabalho e falta de tempo, o uso de telas torna-se uma necessidade para manter os bebês distraídos. O uso excessivo de dispositivos eletrônicos na primeira infância está associado a impasses nos processos de constituição psíquica (Barreto et. al., 2023).

Em muitas famílias, portanto, as telas não são uma escolha, mas um meio para permitir que os pais trabalhem e realizem tarefas domésticas nas oficinas. Esse impacto pode ser amenizado pela presença de irmãos ou outras crianças na casa, que assumem parte dos cuidados e da atenção dispensados aos bebês.

Condição socioeconômica

Com o passar dos anos, a situação econômica dos migrantes tende a se estabilizar, alterando a dinâmica familiar e sua relação com a 'Instituição Costura'. Os primogênitos costumam enfrentar maiores impasses na constituição psíquica, pois nasceram em um contexto de maior instabilidade, enquanto os filhos mais novos podem receber melhores cuidados devido à maior rede de apoio e estabilidade financeira.

Há uma diferença significativa entre migrantes bolivianos recém-chegados e aqueles estabelecidos há mais de cinco anos, por exemplo. O tempo de permanência no Brasil e a presença de irmãos mais velhos influenciam diretamente no cuidado infantil. Com a estabilização econômica, observa-se uma menor dependência exclusiva do trabalho, permitindo um maior investimento no cuidado infantil.

Isso aponta para uma diminuição do valor exclusivo atribuído ao trabalho advindo da estabilização da condição social de cada família. As mudanças às quais nos referimos passam pela maior entrada financeira, pelo estabelecimento de amizades, pela estabilização de outras formas de moradia e por alguma redução de jornada de trabalho.

Gênero

Nos relatos do trabalho de campo, não identificamos uma diferenciação clara de gênero no envolvimento dos pais no cuidado dos filhos. No entanto, a literatura (Ribeiro, 2018) aponta que as mulheres acumulam funções da costura e do trabalho reprodutivo, como limpeza, organização e preparo de alimentos, sem remuneração, impactando o tempo disponível para os filhos.

A estrutura da Instituição Costura impõe um duplo desafio às mulheres: equilibrar as exigências do trabalho remunerado com as tarefas (não remuneradas) domésticas e o cuidado infantil. Isso faz com que haja

uma sobrecarga do tempo das mulheres, fazendo com que trabalhem até mais tarde, ou recebam um pagamento mais baixo com relação aos homens, pois parte da jornada de trabalho acaba sendo usada para funções não remuneradas.

Na 'Instituição Costura', portanto, além do embate entre o valor atribuído ao trabalho e ao cuidado com filhos pequenos, há, especificamente para as mulheres, as exigências do trabalho reprodutivo não remunerado, que também passam a concorrer com o cuidado dos filhos pequenos.

Aspectos morais do trabalho e acesso a serviços públicos

A relação entre o migrante boliviano e seu empregador é permeada por uma exigência moral. O empregador é frequentemente um amigo ou parente que facilitou a migração, que, no entanto, também impõe um ritmo exaustivo de trabalho. Essa relação, pautada na reciprocidade diferida (Freitas, 2020), bem exemplificada pelas noções de *derecho de piso e cama adentro* (como desenvolvido anteriormente), fortalece o *status* institucional do trabalho em detrimento de outros valores, como o cuidado infantil.

As famílias migrantes também enfrentam dificuldades para acessar serviços públicos brasileiros de saúde e educação (Aguiar & Mota, 2014). Algumas iniciativas buscam construir pontes entre essas comunidades e o poder público, promovendo um entendimento mais profundo do que aqui chamamos de 'Instituição Costura'. No entanto, é comum que se espere que os bolivianos se integrem aos serviços brasileiros sem adaptação à sua realidade específica. Acreditamos haver, nesse sentido, uma falta de compreensão do poder público com relação ao funcionamento da comunidade boliviana na costura em São Paulo.

Alguns artigos e nossa experiência de campo trazem tentativas de aproximação entre o poder público brasileiro e a 'Instituição Costura' (Carneiro Jr. et al., 2010; Aguiar & Mota, 2014).

Outros trazem experiências frustradas (relatos de falta de compreensão em relação aos migrantes, movimentos de luta por maior compreensão cultural do cuidado pré-natal e do parto (por exemplo em Elhajji & Domingues, 2018).

Há, ainda, muita polêmica sobre a atuação feita com base na noção de trabalho análogo ao escravo e intervenções em parceria entre a Secretaria de Direitos Humanos e a Polícia Federal. Há uma literatura importante apontando para a insuficiência dessas intervenções e um consenso sobre a perenização das más condições de trabalho nas oficinas, ainda que possam ter melhorado na última década.

Defendemos a construção de espaços intermediários entre a comunidade boliviana e o poder público. Para tanto, faz-se necessário reconhecer essa comunidade como um grupo de direito e compreender melhor a Instituição Costura, que determina em grande medida as condições de vida dos migrantes bolivianos para a costura em São Paulo.

Hoje em dia a comunidade boliviana conta com diversas organizações comunitárias (rádios comunitárias, feiras, organizações de assistência, de militância política etc.). É preciso um trabalho em parceria com essas organizações, não bastando apenas um trabalho de inclusão desses migrantes nos serviços brasileiros.

Culpa e a narrativa do triunfo

A culpa pode permear a experiência migratória da qual tratamos, manifestando-se em diferentes dimensões: a distância da família na Bolívia, as dificuldades econômicas iniciais e a falta de tempo para os filhos. A crença de que o sucesso só é alcançado pela dedicação extrema ao trabalho reforça sentimentos de culpa quando o triunfar esperado não se concretiza.

A culpa aparece em diversos momentos dos relatos desses migrantes. Há uma dimensão de culpa ligada à própria migração, na qual muitas vezes ficam para trás aqueles que permaneceram no país de origem. Outra dimensão é a da culpa ligada às dificuldades que enfrentam na chegada e nos primeiros anos, o que muitas vezes impossibilita que mandem dinheiro para a família na Bolívia e pode fazer com que restrinjam o contato com eles. Por fim, há o aspecto da culpa ligada à percepção da condição do filho. "X. concordou, depois de dizer que se sentia culpado por não ter podido estar mais com seu filho: 'Todos viemos a triunfar. Para isso era preciso trabalhar o tempo todo'" (Participante do grupo de pais, trabalho de campo).

Intervenções voltadas para famílias recém-chegadas podem promover um maior equilíbrio entre trabalho e cuidado infantil, reduzindo o peso da culpa e criando condições mais favoráveis ao cuidado das crianças.

A construção de espaços de diálogo e apoio entre migrantes pode ser uma estratégia eficaz para reduzir o peso da culpa e ampliar as possibilidades de desenvolvimento saudável para as crianças. Para tanto, faz-se fundamental organizar, em parceria com as organizações comunitárias bolivianas, modos alternativos de

cuidado dos bebês que nascem nas oficinas de costura. Dentre outras possibilidades, sugerimos a organização de creches comunitárias ou a facilitação do acesso a creches públicas.

Considerações finais

Apresentamos, ao longo deste artigo, um resumo de nossos principais resultados de nossa pesquisa de doutorado sobre os impasses nos processos de constituição psíquica de crianças filhas de migrantes bolivianos para a costura em São Paulo, que resultam, por vezes, em impactos significativos no desenvolvimento da fala e da relação com o outro.

Em um primeiro momento, caracterizamos o aspecto histórico dessa migração e desenvolvemos quais foram as bases materiais e históricas para a consolidação do que viemos a nomear como a 'Instituição Costura'.

Em seguida, apresentamos quais são as principais marcas que tal instituição produz sobre os modos de trabalho-deslocamento desses migrantes. Destacamos duas delas que se articulam mutuamente e que são, ao nosso ver, fundamentais para o tema estudado. São elas: 1- as novas concepções de família, praticadas nas oficinas de costura; e 2- o valor atribuído ao trabalho e à ascensão social na 'Instituição Costura'.

Em seguida, definimos a 'Instituição Costura' como o conjunto de dispositivos que caracteriza uma cultura laboral-afetiva do grupo dos bolivianos que migram para a costura. Para tanto, apoiamos-nos em Kaës (2009), Aulagnier (1975) e Rosa, 2016.

Após isso, aprofundamos os aspectos de positividade e de negatividade da *Instituição Costura*, buscando, em elementos ambivalentes, suas características potencialmente estruturantes e, por outro lado, as características de exploração. Com essa base, pudemos nos debruçar sobre o lugar da formação de casais, o lugar da natalidade e a divisão de gênero nas oficinas.

Por fim, apresentamos aqueles que acreditamos serem os determinantes institucionais que podem influenciar no cuidado infantil dos bebês criados nas oficinas. Retomemos brevemente: a contraditoriedade entre o valor do trabalho e o cuidado dos filhos; o lugar das telas no cuidado dos filhos; a condição socioeconômica e o cuidado dos filhos; o lugar de gênero no cuidado dos filhos; o aspecto moral do trabalho; a falta de espaços intermediários entre instituições brasileiras e a comunidade boliviana; a culpa.

Como modo de encerrar o artigo, ainda baseando-nos em nossa pesquisa, indicaremos, em alguns tópicos, pressupostos para possíveis intervenções junto às famílias migrantes ligadas às oficinas de costura, buscando a prevenção dos impactos na constituição psíquica das crianças que estão por vir e o acolhimento das famílias que estão atualmente enfrentando as consequências desses impasses com suas crianças:

- 1- Qualquer intervenção tem maior chance de sucesso se for realizada em conjunto com as organizações da comunidade boliviana;
- 2- É importante conhecer as características da 'Instituição Costura' para realmente entender as concepções de família e trabalho que são praticadas nas oficinas de costura, assim como para captar o sentido coletivo que essas práticas carregam consigo;
- 3- Intervenções de acolhimento para as famílias afetadas pelos impasses nos processos de constituição psíquica de suas crianças podem buscar também incidir sobre aquelas famílias que estão para ter um bebê ou que acabaram de tê-lo;
- 4- Fazem-se fundamentais práticas que tirem a sobrecarga dos cuidadores de bebês e crianças nas oficinas de costura (em especial das mulheres). Ex.: formação de creches comunitárias para os bebês criados nas oficinas (com pagamento para os cuidadores), trabalho junto à comunidade boliviana para facilitar o acesso às creches e a outras instituições de educação;
- 5- Junto a isso, poder-se-ia pensar em estratégias para tirar a sobrecarga de todo o trabalho reprodutivo das oficinas;
- 6- Ampliação da contratação de Agentes Comunitários de Saúde bolivianos nas regiões em que há mais oficinas e fortalecimento da rede de saúde junto às instituições de educação;
- 7- Realizar práticas de busca ativa para acompanhamento perinatal (em especial nos primeiros meses após o nascimento).

Algumas dessas sugestões baseiam-se nos modelos implementados na Barra Funda e no Bom Retiro (Vannuchhi et al., 2009; Carneiro Jr. et al., 2010; Aguiar & Mota, 2014; Steffens & Martins, 2016).

Todas as propostas apresentadas estão em consonância com os princípios da Política Municipal para a População Imigrante de São Paulo, Lei nº 16.478 (2016) e seu Decreto nº 57.533/2016, complementadas pelo Plano Municipal de 2020 (São Paulo, 2020). Destacamos os aspectos previstos de garantia, à população imigrante, ao acesso aos serviços públicos e direitos sociais, do estímulo à participação social e da contratação de servidores imigrantes.

Referências

- Almeida, T. (2013). *As imigrantes sul-americanas em São Paulo: o trabalho feminino na construção de trajetórias transnacionais* [Dissertação de Mestrado, Universidade de São Paulo].
- Aguiar, M., & Mota, A. O. (2014). O Programa Saúde na Família no bairro do Bom Retiro em São Paulo, Brasil: a comunicação entre bolivianos e trabalhadores da saúde. *Interface - Comunicação, Saúde, Educação*, 18(50), 493-506. <https://doi.org/10.1590/1807-57622013.0040>
- Aulagnier, P. (1975). *A violência da interpretação: do pictograma ao enunciado*. Imago.
- Azevedo, F. A. G. (2005). *A presença de trabalho forçado urbano na cidade de São Paulo: Brasil/Bolívia* [Dissertação de Mestrado, Universidade de São Paulo].
- Barreto, M. D. J., Azevedo, R. S., Alencar, C., & Correia, A. A. (2023). Os impactos do tempo de tela no desenvolvimento infantil. *Revista Saúde UNIFAN*, 3(1), 58-66.
- Baubet, T., & Moro, M. R. (2013). *Psychopathologie transculturelle*. Elsevier Health Sciences.
- Bydlowski, M. (1997). *La dette de vie: Itinéraire psychanalytique de la maternité*. PUF.
- Calixto, F. M., Loureiro, J. S., Garcia, C. E., & Simões, O. (2012). Pró-saúde: uma resposta para a necessidade de informações de mães imigrantes na região central da cidade de São Paulo. *Revista Brasileira de Educação Médica*, 36(2), 223-227. <https://doi.org/10.1590/S0100-55022012000400010>
- Carneiro Jr, N., & Silveira, C. (2003). Organização das práticas de atenção primária em saúde no contexto dos processos de exclusão/inclusão social. *Cadernos de Saúde Pública*, 19(6), 1827-1835. <https://doi.org/10.1590/S0102-311X2003000600026>
- Carneiro Jr., N., Jesus, C. H., & Crevelin, M. A. (2010). A estratégia Saúde da Família para a equidade de acesso dirigida à população em situação de rua em grandes centros urbanos. *Saúde e Sociedade*, 19(3), 709-716.
- Castoriadis, C. (1982). *A instituição imaginária da sociedade*. Paz e Terra.
- Choi, K. J. (1991). *Além do arco-íris: a imigração coreana no Brasil* [Dissertação de Mestrado, Universidade de São Paulo].
- Côrtes, T. R. (2013). *Os migrantes da costura em São Paulo: retalhos de trabalho, cidade e Estado* [Dissertação de Mestrado, Universidade de São Paulo].
- ElHajji, M., & Domingues, C. (2018). Mulheres, migrantes e militantes: a busca por uma voz própria. *Ambivalências*, 6(11), 192-214. <https://doi.org/10.21665/2318-3888.v6n11p192-214>
- Freitas, P. T. (2014). Família e inserção laboral de jovens migrantes na indústria de confecção. *REMHU: Revista Interdisciplinar da Mobilidade Humana*, 22(42), 231-246.
- Freitas, P. T. (2020). Percursos migratórios nos territórios da costura. *Revista Brasileira de Sociologia*, 8(19), 178-200. <https://doi.org/10.20336/rbs.617>
- Geraldini, S. A. R. B. (2020). *Você me abre os braços e a gente faz um país: construindo um país psíquico para a parentalidade de mães em vulnerabilidade no contexto da intervenção mãe-bebê* [Tese de Doutorado, Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo].
- Giammatteo, M. E. (2021). 'Yo necesito que algún médico me dé un tiempo': desafíos interculturales en el diagnóstico de los trastornos del lenguaje [Trabajo libre]. *Acta del XIII Congreso Internacional de Investigación y Práctica Profesional en Psicología, XXVIII Jornadas de Investigación. XVII Encuentro de Investigadores en Psicología del MERCOSUR. III Encuentro de Investigación de Terapia Ocupacional. III Encuentro de Musicoterapi de la Facultad de Psicología, Universidad de Buenos Aires, Buenos Aires, AR*.
- Goldberg, A., & Silveira, C. (2013). Desigualdad social, condiciones de acceso a la salud pública y procesos de atención en inmigrantes bolivianos de Buenos Aires y São Paulo: una indagación comparativa. *Saúde e Sociedade*, 22(2), 283-297. <https://doi.org/10.1590/S0104-12902013000200003>
- Joia, J. H., Diogo, J. L., Carvalho, S. K. R., & Munhoz, C. N. (2022). Dar lugar à palavra: reverberações da clínica com imigrantes bolivianos num CAPS infantojuvenil. *Estilos da Clínica*, 27(3), 346-363. <https://doi.org/10.11606/issn.1981-1624.v27i3p346-363>
- Kaës, R. (2009). *Les alliances inconscientes*. Dunod.
- Lei nº 16.478, de 8 de julho de 2016. (2016). Institui a política municipal para a população imigrante no município de São Paulo. São Paulo. <https://legislacao.prefeitura.sp.gov.br/leis/lei-16478-de-8-de-julho-de-2016>

- Levitt, P., & Glick Schiller, N. (2007). Conceptualizing simultaneity—a transnational social field perspective on society. In A. Portes, & J. De Wind (Eds.), *Rethinking migration: new theoretical and empirical perspectives* (pp. 181-218). Berghahn.
- Lewkowicz, I. (1998). Subjetividad adictiva: un tipo psico-social históricamente constituido. *Revista de la Asociación Argentina de Psicología y Psicoterapia de Grupo*, 21(1), 69-90.
- Madi, M. C. C., Cassanti, A. C., & Silveira, C. (2009). Estudo das representações sociais sobre gestação em mulheres bolivianas no contexto da atenção básica em saúde na área central da cidade de São Paulo. *Saúde e Sociedade*, 18(suppl 2), 67-71. <https://doi.org/10.1590/S0104-12902009000600011>
- Otero, D., Benegas Loyo, D., Fernandez, A., De Bello, M. A., Cuenca, M., Reinoso, S. C., Ramírez, D. T. A., & Sarasola, C. (2024). Dispositivos de segregación: culturas originarias y padecimientos subjetivos en infancias migrantes [Apresentação de trabalho]. *Acta del XIII Congreso Internacional de Investigación y Práctica Profesional en Psicología, Universidad de Buenos Aires*, Buenos Aires, Argentina, AR.
- Ribeiro, C. L. (2018). *Gênero e mobilidade do trabalho: bolivianas trabalhadoras na indústria de confecção de São Paulo* [Dissertação de Mestrado, Universidade de São Paulo].
- Ribeiro, J. C., & Baeninger, R. (2022). Imigração boliviana no Brasil no século 21: redistribuição e ‘territorialização da bolivianidade’. *Cadernos Eletrônicos Direito Internacional Sem Fronteiras*, 4(2), e20220208. <https://doi.org/10.5281/zenodo.7437971>
- Rosa, M. D. (2016). A clínica psicanalítica em face da dimensão sociopolítica do sofrimento. São Paulo: Editora Escuta / FAPESP.
- São Paulo (Município). (2020). *Plano municipal de políticas para imigrantes: construindo uma cidade intercultural*. Secretaria Municipal de Direitos Humanos e Cidadania. https://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/upload/direitos_humanos/PlanoMunicipalImigrantes_2020.pdf
- Silva, S. A. (1995). Uma face desconhecida da metrópole: os bolivianos em São Paulo. *Travessia: Revista do Migrante*, 8(23), 14-19. <https://doi.org/10.48213/travessia.i23.535>
- Souchaud, S. (2012). A confecção: nicho étnico ou nicho econômico para a imigração latino-americana em São Paulo? In R. Baeninger (Org.), *Imigração boliviana no Brasil* (pp. 75-93). Nepo/Unicamp.
- Spitz, R. A. (1965). *El primer año de vida del niño*. Fondo de Cultura Económica.
- Steffens, I., & Martins, J. (2016). ‘Falta um Jorge’: a saúde na política municipal para migrantes de São Paulo. *Lua Nova*, 98(1), 133-159.
- Vannuchhi, A. M. C., Silveira, C., Carneiro Jr., N., & Marsiglia, R. M. G. (2009). *Projeto inclusão social urbana: nós do centro*. Fundação Arnaldo Vieira de Carvalho.
- Veiga, J. P., & Galhera, K. (2016). Entre o lar e a ‘fábrica’: trabalhadoras bolivianas da costura na cidade de São Paulo. In R. R. Figueira, A. A. Prado, & E. M. Galvão (Orgs.), *Discussões contemporâneas sobre trabalho escravo: teoria e pesquisa* (pp. 119-145). Mauad.